
NET-ATIVISMO E ECOLOGIAS TRANSORGÂNICAS: análise dos movimentos #BlackLivesMatter e #VidasNegrasImportam¹

Bruna Marcela de Oliveira Costa Alvares²
Romulo Fernando Lemos Gomes³
Universidade Ceuma, MA

RESUMO

Este estudo busca analisar os ecossistemas net-ativistas transorgânicos dentro dos movimentos #BlackLivesMatter e #VidasNegrasImportam. Elucidado por teóricos como Di Felice(2017), Tursi(2017 e Laclau(2013) entenderemos como a interação entre entes orgânicos, infoindivíduos, e não orgânicos, softwares e algoritmos, criam processos de significação que se aglutinam em pontos nodais, através de objetos empíricos encontrados nos sites BlackLivesMatter.com e Vidasnegrasimportam.changebrasil.org.

Palavras-Chave: Net-ativismo; *Black Lives Matter*; Identidades Coletivas.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, de caráter descrito-explicativo, analisa a formação das infoecologias ativistas perpassadas pela noção de construção de identidades coletivas presente nos posts dos sites dos movimentos #BlackLivesMatter e #VidasNegrasImportam. Interessa-nos observar o quão a hibridização de movimentos sociais, tais como os objetos desta investigação, afeta na esfera política off-line, observando se esses movimentos se tornam slackativistas, cuja característica é o esvaziamento de lutas no digital, tornando-se um ativismo preguiçoso por uma tradução livre do termo.

Ainda que o *Black Lives Matter* tenha ganhado mais notoriedade em razão das articulações nas redes digitais em maio de 2020, o movimento já existe desde 2013, iniciado pelas revoltas do contexto do assassinato de Trayvon Martin, em 2012, nos Estados Unidos. No Brasil, ganhou força quando ocorreram os protestos que pediam

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação Multimídia, da Intercom Júnior – XVIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pesquisadora é aluna da Instituição de Ensino Superior CEUMA. E-mail: alvaresbruna@outlook.com

³ Pesquisador é professor da Instituição de Ensino Superior CEUMA. É Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC-SP). E-mail: romulo005295@ceuma.com.br

justiça por George Floyd⁴. Nessa mesma época, o adolescente João Pedro⁵, de 14 anos, também havia sido morto pelo corpo policial e houve identificação entre as pautas pela forma que se deram as mortes.

Pôr o ativismo habitado on-line como objeto de pesquisa no campo da Comunicação é relevante pela necessidade de ser compreendido o real impacto das novas configurações políticas e de organizações sociais mediadas por tecnologias comunicacionais. Tornou-se importante saber como ocorre a atuação desses movimentos, se os espaços digitais são favoráveis ao debate, se as conversas e lutas extrapolam o mundo virtual ou, em vez disso, se o debate se esvazia em comunidades virtuais.

Essas possibilidades de hibridização entre o digital e o mundo off-line ensejaram o problema desta pesquisa: o net-ativismo do #BlackLivesMatter e do #VidasNegrasImportam extrapola a internet e vira pauta na esfera política ou se transforma em slackativismo?

Para base teórica, utilizamos os conceitos trabalhados por Di Felice (2017) e Tursi (2017), com suas teorizações sobre Net-ativismo, e Di Felice (2017), com seus escritos sobre interações transorgânicas. Mouffe (2015) e Laclau (2013) elucidam sobre a formação de identidades coletivas. Levy (2010), Castells (2020) e Recuero (2020) são trazidos para tratarmos sobre comunidades virtuais e ciberespaço.

Os ecossistemas transorgânicos abrem margens para que fenômenos sociais se manifestem por meio de interações simbólicas e culturais entre atores sociais, levando a debates interdisciplinares acerca do desenvolvimento social atrelado à tecnologia, como é o caso dos ativismos que se articulam no digital.

2. NET-ATIVISMO, INTERAÇÕES TRANSORGÂNICAS E SLACKATIVISMO

2.1 Interações transorgânicas

As interações transorgânicas, propostas por Massimo di Felice (2017), buscam compreender a interlocução entre entes orgânicos, compostos por infoidivíduos,

⁴ George Floyd foi assassinado no dia 25 de maio de 2020 pelo policial Derek Chauvin, quando a autoridade se ajoelha em seu pescoço, por ele ter usado uma cédula falsa em uma loja de conveniência.

⁵ No dia 18 de maio de 2020, o menino de 14 anos, João Pedro, teve sua casa invadida e baleada 72 vezes por policiais, evento que desencadeou sua morte. Seu corpo foi levado pela polícia e somente 17 horas depois a família soube de seu paradeiro. A polícia alega que ele morreu por troca de tiro com bandidos, mas vizinhos relatam que é mentira.

humanos e o meio-ambiente, e entes não orgânicos, como algoritmos e softwares habitadas em ecossistemas híbridos. Essas interações geram uma ecologia transorgânica dentro de uma dimensão comunicativo-conectiva. Nesse ambiente digital, as interações se enveredam para uma perspectiva transorgânica da ecologia política, entendida como

a
complexidade de interações que surgem após o processo de digitalização, a partir de sinergia entre circuitos informativos, bancos de dados, dispositivos de conectividade, pessoas, territórios e biodiversidades etc. e que se dão no interior de infoecologias sem dimensões (DI FELICE, 2017, p. 264).

Como base para a proposição desse entendimento, Massimo Di Felice (2017) utiliza a Teoria de Gaia proposta por James Lovelock que compreende a ideia de que a Terra é um organismo vivo, sistêmico e passivo de produzir informação e de ditar condições habitativas específicas para as suas redes, sendo composta de uma ecologia e diversas culturas em interação. “Tal perspectiva propõe, assim, a passagem para uma concepção nem sociocêntrica nem naturocêntrica, que seja capaz de reunir os coletivos formados por diversas entidades humanas e não humanas dentro de um parlamento comum” (DI FELICE, 2017, p. 215/216).

Portanto, a formulação da ideia de interações transorgânicas abrange-se à noção de tecnologias comunicacionais, que oferecem espaços para que qualquer entidade se manifeste em *bits* e códigos binários, não apenas como meio, mas como actantes, com o poder de alterar decisões e movimentos, projetando novos modelos relacionais, uma vez conectados em espaços reticulares.

Essa facilidade de acesso mais horizontalizada (para alguns grupos sociais) possibilitou que ações sociais, movimentos culturais e ativismos ocupassem o digital, imbricando aglomerados de informações que já não geram apenas perfis e páginas on-line, mas sim formas de participação cidadã em um novo território digital.

2.2 Net-ativismo: do ciberativismo à ação reticular

As extensas manifestações culturais e sociopolíticas presentes na internet, desde os movimentos zapatistas no México, em 1994, à Primavera Árabe em países do Oriente Médio, em 2011, provocaram discussões acerca da emancipação democrática por meio do uso das plataformas digitais. Interações tecno-humanas levaram as ações sociais de participação cidadã institucional e hierarquizada a se configurarem como relações comunicocêntricas, ou seja, sustentadas pelo senso de comunidade que as plataformas digitais alimentam. Para Tursi (2017, p. 23, *tradução nossa*),

A significância da mídia digital e reticular deve agora ser entendida e conhecida em toda expressão política comunocêntrica e para além dos canais institucionalizados de participação. Toda forma de ativismo atualmente não pode evitar senão usar ou entrar nos ‘espaços de fluxos’⁶.

A ideia de Net-ativismo proposta por Massimo Di Felice (2017) distingue três macros fases: centralizada, descentralizada e distribuída, como também demarcou três épocas, que correspondem ao ciberativismo, movimentos neozapatistas e a ecologia net-ativista.

Em 1990, surge o ciberativismo criado para a propagação das bases de revoltas palpáveis das comunidades e para organização de ações e protestos em defesa dos direitos das minorias, do meio ambiente e de direitos humanos em si. Estava relacionado ao uso da internet para dar amparo aos movimentos, em um formato eletrônico do processo, utilizando as novas mídias alternativas para facilitar e difundir as ações sociais usando o benefício de alavancar as ideias por conta da dimensão que a interconexão já propiciava.

Já a segunda fase apresenta uma descentralização. Nesse momento, o usuário passava de apenas consumidor para produtor, criando significações que reverberariam dentro da ecologia.

Uma nova tipologia de conflitualidade espalhou-se nos diversos cantos do mundo e inaugurou uma nova fase mundial do ativismo marcado pela sua matriz informativa e digital. Todos esses movimentos articularam-se nas redes e experimentaram uma conflitualidade informatizada, sem lugares, que se tornava visível, concretizando-se em momentos e localidades específicas e ao mesmo tempo, reproduzindo-se e articulando-se nos bits dos fluxos informativos digitais (FELICE, 2013, p. 57).

A segunda fase é marcada pelos movimentos zapatistas, que ocorreram no sul do México, liderados por grupos indígenas, em 1994. Nesse tempo, as relações territoriais já se difundiam em um formato embrionário das ecologias transorgânicas. Características como as estruturas horizontais dos modelos de organização já podiam ser vistas, o objetivo não era mais centrado em um fim único, mas na ideia de lutar por democracia, liberdade e justiça, para que suas demandas fossem validadas por pilares democráticos. As plataformas digitais não eram mais vistas como pontes ou mera

⁶ “The significance of digital and reticular media must now be understood and acknowledged in every political grassroots expression and beyond the institutional channels of participation. Every form of activism, in the present, can’t help but use or enter the “space of flows””.

aparelhagem técnica de suporte ao movimento, mas sim como pilar das configurações de ação do movimento. Assim, eram inauguradas novas formas de participação e de conflitualidade. Os comunicados das ações eram lançados diariamente em formato de poemas e de documentários, explicando sobre suas reivindicações e sobre seu cotidiano nas comunidades. Esse material era endereçado às comunidades digitais que mobilizavam as pessoas a se juntar nos acampamentos de protestos e a pressionar governos internacionais a visualizarem a agenda indígena. “evidencia-se, na própria história do processo, o papel não instrumental das redes digitais, que ampliaram o conflito, alterando-o e criando uma nova dimensão da qual as comunidades externas não só participavam, mas se consideravam parte integrante.” (DI FELICE, 2017, p.162).

Já a terceira fase descrita por Massimo di Felice (2017) se refere à utilização das plataformas de redes sociais digitais, que se revelaram após a adoção da banda larga e do padrão tecnológico da web 2.0. Essa fase é caracterizada por uma forma mais distribuída, marcada pela conflitualidade informativa-mediática, sem espaço para picos de centralidade. Cada usuário tem a capacidade de gerar significado. Valoriza-se a colaboração, devido à possibilidade de construção coletiva, em tempo real, e sem a necessidade de os sujeitos estarem no mesmo local. O usuário pode utilizar sua identidade de cidadão global. O ativismo, desse modo, adota características próprias que dão sinais de uma regularidade de comportamento dentro no digital.

O advento da web 2.0 determina a passagem da mídia alternativa, isto é, das formas de uso e de produção de conteúdo alternativo disseminadas nos diversos âmbitos contraculturais, para a mídia participativa, ou seja, as formas sociais digitais que articulam suas arquiteturas através do diálogo e do compartilhamento de conteúdos. (DI FELICE, 2013, p.58).

Com o advento das redes sociais, já tivemos uma nova remodelagem desse ativismo, passando a ter mais características que atravessam os ativistas e suas intersubjetividades de trabalho. As redes agora se encontram síncronas; a interação é acentuada e os processos de significação se alteram na mesma proporção em que os conteúdos são replicados ou comentados. O net-ativismo é o conceito em questão, porque ele abarca em seu espaço de interação pilares democráticos, noções de ecossistemas e de sustentabilidade, assim como identidades culturais hibridizadas, bem como aponta Massimo di Felice (2013, p. 54):

Esses são caracterizados não pela oposição à globalização, mas pelo advento de uma identidade cidadã global, habitante das redes digitais, que não nega a diversidade local e cujas pautas reivindicatórias e de

ação glocal avançam na direção do atendimento das necessidades comuns, tais como a democracia, equidade, consumo consciente e sustentabilidade.

O fluxo informacional é tanto que diversos entendimentos sobre sociabilidades e democracia se condensam nas interações simbólicas, “resultados não de um processo unidirecional, mas construídos em rede de forma colaborativa” (DI FELICE, 2013, p. 55). Assim são formadas ecologias reticulares transorgânicas que permitem que atores sociais, símbolos, big data, internet das coisas e bits dialoguem entre si, utilizando do mundo digital para gerar debates e protestos virtuais que se estendem a todos que são atravessados pelos discursos e se encontram dentro dos pilares dessa nova forma de conflitualidade complexa e descentralizada.

3. COMUNIDADES DIGITAIS E MEDIATIZAÇÃO DO NET-ATIVISMO

A cada rematerialização da mídia, são incluídas novas condições aos modelos comunicacionais estabelecidos, a começar pela palavra mídia, que, pela etimologia latina (*medium*), significa meios, porém só aparece no vocabulário brasileiro, em 1960, como sinônimo de meios de comunicação de massa (cinema, rádio, televisão, jornal e revistas), uma herança da pesquisa norte-americana. Entretanto, em tempos presentes, os “estudos em comunicação têm se apropriado do termo de modo a privilegiar os meios infocomunicacionais, considerando, entre outros aspectos, seus processos de produção, circulação, recepção, formatos, gêneros e conexões em rede” (ALZAMORA, SALGADO, 2014, p.184). Desta maneira, mídia não é diretamente ligada mais aos objetos técnicos palpáveis; agora ela vai além e se constitui como troca interativa, carregada de características pessoais, semióticas e psíquicas, atingidas por processos de significação. As “conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (RECUERO, 2020, p. 30).

A mídia territorializada dentro de uma ecologia reticular pode desencadear um processo de mediação entre atores sociais que envolvem hibridizações entre lógicas comunicacionais dissonantes, como a hipermediação, que é a intervenção no texto midiático das interações transorgânicas pela parte não orgânica. “Os usuários da internet ingressam em redes ou grupos online com base em interesses em comum e, valores, e já que têm interesses multidimensionais, também os terão suas aflições online” (CASTELLS, 2020, p. 442). É com esse encadeamento que ocorre a manutenção das comunidades digitais, com a troca de fluxos infocomunicacionais entre seus membros,

por meio do sentimento de pertença e do compartilhamento dos mesmos valores, causas e interesses e relações no ciberespaço.

Por este motivo, algumas proposições são levadas em consideração, como o fato de os integrantes dessa rede não serem desconectados da convivência fora do virtual, fazendo com que todas as suas relações sejam pautadas por negociações simbólicas, partindo do pressuposto da estabilidade dos padrões a que estes estão expostos, seja pela imperatividade democrática sustentável das redes ou pelo repertório que a inteligência coletiva oferta a eles.

O território da comunidade pode estar associado com algum espaço institucionalizado no próprio espaço virtual ou mesmo restrito a um elemento de identificação [...] A compreensão de um espaço onde as interações podem ser travadas é, assim, fundamental para que os atores saibam onde interagir. (RECUERO, 2020, p. 144).

Todos esses conceitos se baseiam no entendimento de que mídia é um lugar de apontamento de sentidos, promovendo a circulação de diferentes realidades e integrando a fabricação e a construção de múltiplas realidades. Cada vez que a mídia se aprimora em termos de tecnologia, abrem-se espaços para novos moldes de ação de actantes e dos comportamentos que ela estimula, incluindo novos moldes de produção, circulação e consumo dos conteúdos midiáticos.

4. DEMOCRACIA DIGITAL E MANIFESTAÇÕES SOCIAIS ON-LINE

A internet teve sua primeira aparição como ARPANET, formulada dentro das forças armadas norte-americanas com o intuito de facilitar a comunicação e de criar uma rede descentralizada no contexto da Guerra Fria, mas foi a partir de mobilizações de cidadãos e pessoas civis que a internet veio a ser mais democratizada e acessível para a população. Desde então, faz-se presente em todos os âmbitos sociais, incluindo em ações de cunho político.

O conceito de democracia digital é baseado no entendimento do ciberespaço como ambiente propício às manifestações de participação cidadã referentes à agenda do espectro político. “O cerne da democracia digital é o uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) para a ampliação da participação política” (GOMES, 2019, p. 56). O termo só foi cunhado a partir da década de 1990, quando a internet passou a ser utilizada rotineiramente pelos indivíduos, fazendo com que questões sobre tomadas de decisões e mobilizações de pautas sociais se tornassem próximas da massa.

Com arquiteturas de tecnologias de interação mais desenvolvidas, as conexões sociais podem ser fortificadas pelos laços sociais construídos com base em ideias de

interesses comuns, aspirações e sentimento de pertencimento. Os “elementos formadores da comunidade virtual seriam: as discussões públicas; as pessoas que se encontram e reencontram, ou que ainda mantêm contato através da internet (para levar adiante a discussão); o tempo; e o sentimento” (RECUERO, 2020, p. 137).

Essas manifestações geram muitas implicações, principalmente no âmbito de discussão sobre democracias digitais. Elas podem aumentar a participação e a percepção acerca de atividades cívicas na esfera pública, onde é esperado que o debate ocorra em busca de mudanças políticas concretas. Em relação a isso, surge o termo *slacktivism*, que define um tipo de ativismo on-line que se limita ao virtual e é uma mera ilusão de participação facilitada pelas redes sociais.

Ciberativismo é um importante componente do ativismo, porém se demonstra como um novo desafio aos ativistas, pois cria o que é denominado "slacktivism", uma pessoa que faz apenas pequenas contribuições para os movimentos sociais, a exemplo do "like" "repost", "retweet" dentre outros. (YONITA; DARMAWAN, 2021, p. 05, tradução nossa)⁷

Chantal Mouffe (2015) debruça-se sobre subjetivação e política, enxergando que no começo do século XXI, a sociedade encontrava-se em um momento de pós-política, cuja característica seria a diluição das identidades coletivas. O individualismo teria tomado conta das relações constitutivas do social. A autora então defende uma nova elaboração de esfera pública, construído por uma passagem do antagonismo ao agonismo, no qual as ideias conflitantes se validam como partes legítimas e não como excludentes

entendo por "o político" a dimensão de antagonismo que considero constitutiva das sociedades humanas, enquanto entendo por "política" o conjunto de práticas e instituições por meio das quais uma ordem é criada, organizando a coexistência humana no contexto conflituoso produzido pelo político (MOUFFE, 2015, p. 08).

Não deixando de se ater a ideologias políticas e econômicas, porque, além de serem necessárias para evitar esvaziamentos do discurso político, são instrumentos usados para enfrentar a predominância da ideia da política baseada no consenso racional universal dentro das democracias.

Nesta etapa, o que se pode afirmar é que a distinção nós/eles, que é a condição da possibilidade de formação de identidades políticas, sempre pode se tornar um espaço de antagonismo. Uma vez que todas as formas de identidade política envolvem uma distinção nós/eles, isso

⁷ *Cyberactivism is an important component in activism, but also poses a new challenge for activists because it creates what is called "Slacktivism", a person who only makes a small contribution to social movements such as doing "like", "repost", "retweet" and others.*

significa que nunca podemos eliminar a possibilidade do surgimento de antagonismos. (MOUFFE, 2015, p.15).

Para Mouffe (2015), essa é uma forma de combater o pensamento reacionário, que tenta apagar as polarizações com supressão de antagonismos.

5. METODOLOGIA

Esta pesquisa é do tipo descritivo-explicativo, uma vez que busca “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 2002, p. 42). Como objeto empírico, selecionamos os sites vidasnegrasimportam.changebrasil.org e blacklivesmatter.com, que foram construídos após as hashtags despontarem nas redes sociais digitais. Procedemos à revisão da literatura apresentada nos tópicos anteriores, com destaque para os nossos aportes teóricos. Em seguida, identificamos a categoria analítica que aborda a formação das identidades coletivas; sistematização dos dados e análise do corpus, que se refere às postagens nos supracitados sites publicadas no contexto da morte de George Floyd. No site vidasnegrasimportam.changebrasil.org a postagem é um abaixo-assinado para pressionar a justiça brasileira, já o post do blacklivesmatter.com é um debate sobre a estruturação do corpo policial.

E para um direcionamento metodológico analítico utilizamos o guideline “Ethical Decision-making and Internet Research”, da Association of Internet Researchers, escrito por Annet Markham, da Umea University, e Elizabeth Buchanan, da University of Wisconsin-Stout, membras do comitê de Ética da mesma associação, que reúne o trabalho teórico, empírico e de campo conduzido pelos membros da associação a fim de especificar os projetos, os tipos de informações e dados que podem ser extraídos desses fóruns seguindo as questões éticas implicadas.

O guia supracitado postula questionamentos éticos a serem feitos no momento dos processos de decisão dentro da pesquisa em Internet. Ele entende sete vieses de pesquisa, a que nos encaixamos é a segunda classificação, disposta como “estudo de como pessoas usam e acessam internet, por meio de coleta e observação de atividades ou participando dos sites de redes sociais, *listservs*, *websites*, blogs, jogos, mundo virtuais ou outros ambientes on-line ou contextos” (MARKHAM, BUCHANAN, 2012, p. 3, *tradução nossa*)⁸.

⁸ “*studies how people use and access the internet, e.g., through collecting and observing activities or participating on social network sites, listservs, web sites, blogs, games, virtual worlds, or other online environments or contexts*”

6. O NET-ATIVISMO NOS SITES BLACKLIVESMATTER.COM E VIDASNEGRASIMPORTAM.CHANGEBRASIL.ORG

A partir do momento em que a internet é popularizada, os engenheiros e matemáticos não haviam até então se deparado com o obstáculo que era sistematizar e estruturar numerosos dados gerados a todo instante, então conseqüentemente, são construídas novas arquiteturas relacionais de dados que permitiriam novos moldes de interação entre usuários.

Dessa forma, o espaço surgido, envolto de dados e informações, se estabelece como uma zona com potencial democrático, permitindo que cada ator social – e os actantes – com endereçamento on-line pudesse exteriorizar seus pensamentos e suas narrativas.

Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do ciberespaço (RECUERO, 2020, p. 25).

Não obstante, o net-ativismo foi um dos comportamentos mais endossados pelo ciberespaço, porque utilizava-se das interlocuções para gerar discussões de pautas comuns a sociedade, exemplificado pelos objetos empíricos desta pesquisa, os movimentos #BlackLivesMatter e #VidasNegrasImportam, no contexto da morte do George Floyd, assassinado no dia 25 de maio de 2020. Logo após a extensa movimentação que os ativistas fizeram tanto nas redes digitais, como nas ruas, a cidadania algorítmica toma espaço nas infoecologias net-ativistas dos sites www.BlackLivesMatter.com e Vidasnegrasimportam.changebrasil.org para reforçar suas identidades e lutas, constituindo-se net-ativista por estar apoiada em pilares reticulares, sociais-democráticos e sustentáveis.

O site americano é fundado por Alicia Garza, Patrisse Cullors e Opal Tometi e direcionaram suas atividades para o abolicionismo e a emancipação política e cidadã da população negra, usando a internet e as redes sociais digitais como plataformas de divulgação, mobilização e discussão a respeito das questões raciais intrínsecas à sociedade. O movimento iniciou no Brasil após a eclosão de revoltas nos Estados Unidos em protesto contra os crimes que levaram a vida de vários negros, em especial, devido à crueldade com que George Floyd foi assassinado por um policial branco

americano, em 2020. Em terras brasileiras, o movimento ganhou força com a morte do jovem negro João Pedro, de 14 anos, assassinado também por policiais.

Por outra via, o site [Vidasnegrasimportam.changebrasil.org](https://vidasnegrasimportam.changebrasil.org) logo na página inicial elenca as principais petições abertas para pressionar a tomada de decisão governamental. As abas são: Petições, Sobre, Respostas e Notícias. A aba que abre para notícias configura-se da seguinte forma: qualquer membro da comunidade virtual pode subir posts informando casos que envolvam questões raciais, denunciando casos de racismo, divulgando petições e colocando links de notícias de outros portais, apossando-se do discurso veiculado. A página de respostas faz devolutivas em relação às petições.

Para estendermos a análise que propõe este artigo, selecionamos um print da página inicial e uma petição do site brasileiro e uma do site americano, veiculadas em junho de 2020, quando os movimentos tomaram o espaço digital para mobilizar ativistas em prol de pressionar instituições governamentais a tomarem decisões em relações aos casos de racismo estrutural, além de exemplos de outras páginas que utilizaram do mesmo processo de equivalência dos pontos nodais, no momento em que são influenciados pela interlocução das pautas em dispositivos reticulares.

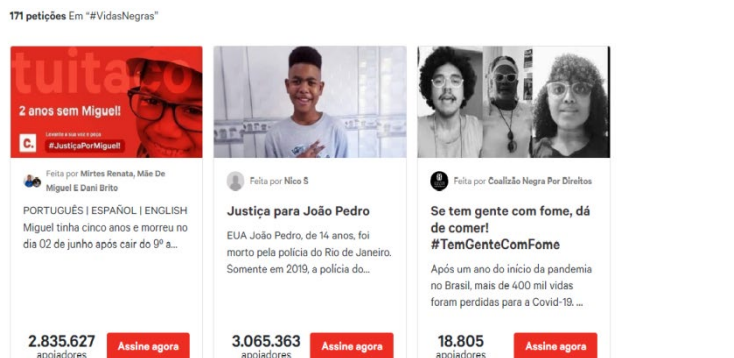


Figura 1: Print da página inicial do site brasileiro

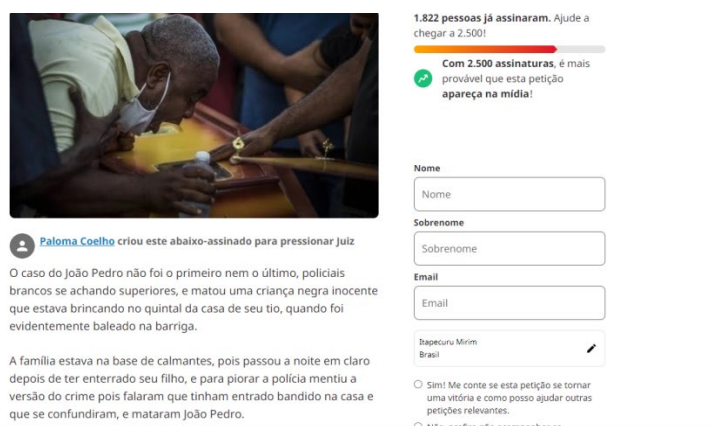


Figura 2: Petição criada em primeiro de junho de 2020

Black Lives Matter Global Network Foundation Announces \$6.5 Million Fund to Support Organizing Work

June 11, 2020

Black Lives Matter Global Network Foundation (BLM Global Network Foundation), a US nonprofit global organization active in the US, UK, and Canada is grateful for the generosity and support of donors and is pleased to announce a \$6.5 million fund to support grassroots organizing work. This fund is available to all chapters affiliated with the BLM Global Network Foundation. Starting July 1, 2020, affiliated chapters may apply for unrestricted grant funding of up to \$500,000 in multi-year grants.

This initiative is part of BLM Global Network Foundation's programmatic focus in 2020/2021, which includes helping to build local capacity for grassroots organizing work. In addition, BLM Global Network Foundation will continue to develop its media presence, including its civic engagement campaign, BLM's What **MATTERS** 2020, and its viral video, *Rest in Power, Beautiful*, which has been viewed nearly 10 million times. Beginning in 2021, BLM Global Network Foundation will roll out its education platform, developing curriculum around its contributions to media, as well as a political education program.

Figura 3: Print do site americano em que informam que investirão dinheiro na presença digital do movimento para criar programa de educação política.



Figura 4: Print do site vidasnegras.nacoesunidas.org/



Figura 5: Print do site <https://www.geledes.org.br/vidas-negras-importam-mas-por-que-precisamos-afirmar-o-obvio/>

6.1 A aglutinação nos pontos nodais

Aqui, analisaremos como se dá a formação de identidades coletivas, conforme proposto por Laclau (2013). O net-ativismo percorrido por Di Felice (2017) é a última fase do ativismo on-line, designando movimentos de resistências locais, que desterritorializam as manifestações que abarcam. As organizações não têm um único representante, passando a representação para o senso de comunidade e pertencimento, em torno de ponto nodal estabelecido entre os membros, pois “sem sua intervenção não existiria a incorporação daqueles setores marginais à esfera pública” (LACLAU, 2013, p. 233)

A interação transorgânica desabilita a ideia do determinismo tecnológico, cessando a redução das tecnologias à sua função instrumental. Todavia, enxerga a tecnologia também como um actante da ecologia digital, como elemento apto à interação. Territórios, atores sociais, meio-ambiente, as arquiteturas de softwares e os dispositivos reticulares entram na dimensão comunicativo-conectiva gerando, implicação nas solidariedades, como demonstraremos a seguir.

No espaço do *Black Lives Matter*, entendemos as formações de identidades coletivas a partir de um ponto nodal, um elo que une os ativistas por meio de uma finalidade comum: lutar pela emancipação da população negra, como a luta pela reforma das instituições policiais. Essa equivalência vai se moldando pela agenda do movimento e de suas manifestações no site. A figura 1 é a primeira postagem depois da morte de George Floyd, tecendo uma narrativa acerca da reforma da polícia, que tem replicado o racismo estrutural de forma fatal.

Já o movimento Vidas Negras Importam admite uma formatação wiki, ou seja, colaborativa. As pessoas da comunidade podem escrever posts, iniciar petições e anexar postagens de outros sites. Na publicação que aparece na Figura 2, mostra-se uma petição para pressionar o poder público e buscar, com isso, o avanço nas investigações que haviam sido interrompidas. O movimento solicita que a justiça se manifeste e protesta contra a morosidade com que o caso é levado, principalmente quando se compara à resolução de casos que envolvem pessoas brancas.

Os casos utilizam das redes como fator de aproximação e mobilização da agenda, fomentando o debate e endereçando a narrativa de forma que atinja sujeitos que possam se identificar com a causa e a ela se juntar. Em suma, as interações transorgânicas, com seus diversos entes orgânicos e não orgânicos, tecem uma narrativa que atravessa as diversas ecologias do ciberespaço e do mundo off-line.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os movimentos #BlackLivesMatter e #VidasNegrasImportam constituem-se Net-ativistas em decorrência da natureza de seus fins e de seu contexto. Nativos digitais, eles utilizam elementos inorgânicos, como ciberespaço, data e softwares, para mobilização dos membros em busca da formação da identidade coletiva em questão, com a finalidade de pressionar a agenda política para que mudanças e decisões sejam tomadas.

Procura-se avançar na conquista da emancipação da população negra, com a punição de crimes de racismo por parte de instituições governamentais.

O net-ativismo se sustenta na ideia de conflitualidade e na formação de comunidades virtuais, uma vez que esta luta desterritorializada se transforma em pauta global. Dessa forma, usam-se as esferas digitais para ampliar a discussão e, segundo Di Felice (2017, p. 184), “não deveria ser considerado inferior às outras formas de ativismo”, pois é capaz de desenvolver importantes ações de mobilização. Assim como discorre Dias (2007, p. 202), as “ações dos movimentos apontam para o exercício de uma política que alia tela e rua numa perspectiva de complementariedade, já que não bastaria para os agentes apenas preparar, organizar as ações na Internet se elas não acontecessem na rua”.

Portanto, os movimentos com seus endereços digitais atuam como manifestações cidadãs, fazendo com que a pauta hipermediatizada em interações transorgânicas se torne hegemônica dentro da democracia digital e que mobilize essas organizações para, em seguida, tomar as ruas, como foi o caso do Black Lives Matter, que ocupou todos os Estados Unidos em protestos contra a forma cruel com que George Floyd foi assassinado. No Brasil, o Vidas Negras Importam encheu as vias públicas de todo o país, em pedidos por justiça pelo menino João Pedro, que foi assassinado pela brutalidade policial.

Referências bibliográficas

ALZAMORA, Geane Carvalho; Salgado, Tiago Barcelos P. Mídia. In: VEIGA, Vera França, Martins, Bruno Guimarães e Mendes, André Melo (Org). Grupo de pesquisa em imagem e sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas –PPGCom –UFMG, 2014.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

DIAS, Renata de Souza. Tematização e circulação de enunciados em mídias radicais, de organização e informativas pelos movimentos de resistência global. In: FERREIRA, Jairo. Vizer, Eduardo(orgs). Mídia e Movimentos Sociais: linguagens e coletivos em ação. São Paulo: Paulus, 2007.

DI FELICE, Massimo. A cidadania digital: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2020.

DI FELICE, Massimo. Net-ativismo: da ação social ao ato conectivo. São Paulo: Paulus, 2017.

DI FELICE, Massimo. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura (on-line). Salvador, v. 11, n. 02, p. 267-283, 2013.

DI FELICE, Massimo. Ser Redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. MATRIZES. São Paulo, v.7, n.02, p.49-71,2013

GOMES, Romulo Fernando Lemos. Democracia Digital Popular: articulações discursivas nos dispositivos de participação cidadã Participa.br e Decide Madrid.2019. Tese (doutorado)- Curso de Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. São Paulo:Atlas,2002.

LACLAU, Ernesto. A razão populista. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2010.

MARKHAM, Annet; Buchanan, Elizabeth. Ethical Decision Making and Internet Research. AoIR Ethics Working Committee (Version 2.0). 2012. Disponível em < <http://aoir.org/reports/ethics2.pdf> > Acesso em: 21 de maio.2021.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

RECUERO, Raquel, Redes sociais na internet. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

SITE OFICIAL. **Black Lives Matter**, 2021. Disponível em: < <https://blacklivesmatter.com/news> >. Acesso em: 30 agosto. 2021.

TURSI, Antonio. Net-Activism and Redesign Democracy. In: ANTONELLI, Francesco (org.). **Net-Activism: How digital technologies have been changing individual and collective actions**. Roma: Roma-TrePress, 2017.

VIDAS NEGRAS. 2022. Disponível em < <http://vidasnegras.nacoesunidas.org/> > . Aces em:05 agosto.2022

VIDAS NEGRAS IMPORTAM. 2021. Disponível em < <https://vidasnegrasimportam.changebrasil.org/#petições>>. Acesso em: 30 agosto.2021.

VIDAS NEGRAS IMPORTAM! MAS POR QUE PRECISAMOS AFIRMAR O ÓBVIO?.2022. Disponível em <https://www.geledes.org.br/vidas-negras-importam-mas-por-que-precisamos-afirmar-o-obvio/>Acesso em 05 agosto.2022

YONITA, Sonya Rino; Darmawan, Arif. The Role of Anonymous Cyberactivism in the Black Lives Matter Movement in the United States (2014-2020). **Insignia Journal of International Relations**. Purwokerto, Indonesia, p.1-15,2021.